

## **Jornalismo Digital: Novas Linguagens e Empreendedorismo<sup>1</sup>**

Denise Mendes de Souza GONÇALVES<sup>2</sup>

Marco José de Souza ALMEIDA<sup>3</sup>

José Afonso Teixeira da FONSECA<sup>4</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

### **Resumo**

O presente artigo tem como principal objetivo analisar como a comunicação, no âmbito jornalístico, tem mudado a forma com que se configura na sociedade e como as novas tecnologias digitais têm alterado a relação homem-máquina. Parte de um trabalho maior ainda em desenvolvimento, este artigo apresenta um panorama das discussões teóricas acerca dos assuntos abordados, através de um levantamento e uma revisão bibliográfica, englobando autores com Santaella, Murray, McLuhan e Canclini, que desenvolvem conceitos fundamentais para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

**Palavras-chave:** Jornalismo Digital; Jornalista Independente; Empreendedorismo, Novas Tecnologias da Informação.

### **Introdução**

Evoluções tecnológicas transformaram a maneira de pensar ao longo da história da humanidade. De acordo com a necessidade da comunicação e do desenvolvimento maquínico, observa-se uma constante mudança nas relações sociais e comerciais em um âmbito globalizado. Essas inovações lançam desafios ao mundo contemporâneo, uma vez que, em poucos segundos, o processo de comunicação pode ir do local para o global e vice-versa. Nesse sentido, faz-se aqui uma análise de como as novas tecnologias digitais vem permitindo o advento de uma cultura *ciber*, produzida em ambientes ciberespaciais,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 5 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Social na UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora - MG). Graduada em Comunicação Social/Jornalismo na UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos. Especialista em Jornalismo Multiplataforma pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: denisethejournal@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando em Comunicação Social na UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora (Juiz de Fora - MG). Graduado em Comunicação Social/Jornalismo (Faculdade Ubaense Ozanam Coelho). Especialista em Jornalismo Multiplataforma pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: jornalistamarcoalmeida@gmail.com

<sup>4</sup> Estudante de disciplina Isolada do Mestrado de Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz e Fora- IAD-UFJF, email: [josefonsecabr@yahoo.com](mailto:josefonsecabr@yahoo.com). Graduado em Comunicação Social e Especialista em Jornalismo Multiplataforma pela UFJF.

ligadas em redes telemáticas.

Dessa forma, o presente trabalho pretende apresentar um panorama sucinto acerca da produção bibliográfica que permeia o conceito de ciberespaço e a discussão a respeito das novas tecnologias e como elas alteram a relação do homem com a máquina. Este artigo se configura como parte preliminar de um trabalho maior, ainda em desenvolvimento.

### **Novas tecnologias, novas qualificações**

Neste artigo fizemos um estudo de revisão bibliográfica de autores como Santaella e Lemos, que tratam das questões referentes ao ciberespaço; Murray, que enfatiza a possibilidade de criação de novas narrativas em ambientes virtuais, McLuhan, Canclini, entre outros, para tecer uma análise de como a comunicação, em seu aspecto jornalístico, tem mudado a forma de se configurar na sociedade atual.

No que tange a definição de ciberespaço, concordamos com a posição defendida por Levi, ao afirmar que ciberespaço se configura como:

[...] espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações. Consiste de uma realidade multidirecional, artificial ou virtual incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração de acesso [...] (LEVY, 1999, p. 92).

Consequentemente, torna-se cada vez mais difícil frear a viralização de determinados acontecimentos, sejam eles inicialmente públicos ou privados, que são veiculados por essas redes digitais. Uma vez estando conectados, há participação, de alguma forma, do processo de interação “homem-máquina-homem” (SANTAELLA, 2008). Analisar esses fenômenos informacionais que movem a humanidade a participar de novos ambientes interativos é o foco do artigo em questão, no sentido de verificar os possíveis desafios de uma construção de uma nova linguagem para os profissionais da comunicação. Interação, velocidade da informação e diversas outras questões, no ambiente virtual, abrem ao jornalismo diversos modos de se criar e distribuir notícias, podendo vir a ser empreendedor. Por outro lado, novos formatos, qualificações e potencialidades de criação são necessários para atender às demandas da comunicação. (SANTAELLA, 2013)

Assim, a utilização das novas tecnologias na produção jornalística, numa interação homem-máquina, também é um dos fenômenos analisados por Santaella para compreender a mudança da mentalidade humana na virada do século XXI. Na obra “Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura”, Santaella (2008) aborda a temática da interação do corpo humano com o ciberespaço, demonstrando que acontece uma mudança no corpo em vista da fusão tecnológica e das extensões biomaquínicas que se prolongam no meio virtual. Segundo a autora, verifica-se a criação de uma “natureza híbrida de organismo protético *ciber*, que está instaurando uma nova forma de relação ou continuidade eletromagnética entre o ser humano e o espaço através das máquinas” (SANTAELLA, 2008, p. 272).

A possibilidade de se projetar em um mundo além de sua realidade favorece a evolução do corpo por meio de extensões do orgânico para a máquina, permitindo, assim, o surgimento do homem biomaquínico, próprio desse ambiente ciberespacial, conceituado pela autora.

Estamos, sem dúvida, entrando numa revolução da informação da comunicação sem precedentes que vem sendo chamada de revolução digital. O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda a informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas. Graças à digitalização e compressão dos dados, todo e qualquer tipo de signo pode ser recebido, estocado, tratado e difundido via computador. Aliada à telecomunicação, a informática permite que esses dados cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço. Catalisados pela multimídia e hipermídia, computadores e redes de comunicação passam assim por uma revolução acelerada no seio da qual a internet, rede mundial das redes interconectadas, explodiu de maneira espontânea, caótica, superabundante (SANTAELLA, 2008, p.70-71).

Na obra “Os meios de comunicação como extensão do homem”, McLuhan (1964) defende que os meios podem funcionar como extensões do nosso corpo. Além disso, a novidade oriunda desses meios, no caso específico do ciberespaço, é um elemento de atração e conseqüente entorpecimento do usuário, ansioso por experimentar o novo que, na verdade, nunca acaba, tendo em vista o surgimento constante de diferentes propostas tecnológicas. McLuhan não conceitua o que é ciberespaço, mas pelo conceito que ele faz dos meios de comunicação de massa, compreendido como aqueles meios tecnológicos anteriores à era digital, nota-se que o ciberespaço também pode ser visto como um meio

de expansão das capacidades humanas, como enfatiza o autor aos meios analógicos.

O mito grego de Narciso está diretamente ligado a um fato da experiência humana, como a própria palavra Narciso indica. Ela vem da palavra grega *narcosis*, entorpecimento. O jovem Narciso tomou seu próprio reflexo na água por outra pessoa. A extensão de si mesmo pelo espelho embotou suas percepções até que ele se tornou o servomecanismo de sua própria imagem prolongada ou repetida. A ninfa Eco tentou conquistar seu amor por meio de fragmentos de sua própria fala, mas em vão. Ele estava sonado. Havia-se adaptado à extensão de se mesmo e tornara-se um sistema fechado. O que importa neste mito é o fato de que os homens logo se tornam fascinados por qualquer extensão de si mesmos em qualquer material que não seja o deles próprios. (MCLUHAN, 1964, p. 59)

Acredita-se que o ciberespaço é também um meio de estender as capacidades que o corpo humano tem de produzir e participar da comunicação de novas formas de se fazer cultura, como acredita Murray (1998).

Considerar o uso desse meio tecnológico dentro do aspecto comunicacional da produção jornalística, frente à transformação de toda uma mentalidade e do surgimento de uma cultura ciberespacial, leva ao questionamento de toda uma sociedade de consumo de bens e serviços, no sentido material e intelectual, ao dialogar com o que Canclini (2008) discute no livro “Consumidores e Cidadãos”. O questionamento de que “nós também somos consumidores, leva a descobrir na diversificação dos gostos uma das bases estéticas que justificam a concepção democrática da cidadania” (CANCLINI, 2008, p. 45).

O ser humano tornou-se membro de uma sociedade globalizada na qual o ciberespaço vem transformando essas relações de consumo e até mesmo as antigas relações de trabalho. Com a falsa sensação de poder trabalhar em qualquer lugar, em qualquer hora, sem ter que se deslocar até à empresa, presencia-se uma nova roupagem do capitalismo, talvez a mais perversa, explora-se não mais o trabalho manual ou intelectual, mas também o lazer, de acordo com Canclini (2008).

Nessa mesma corrente, François Jost (2011), no artigo “Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias?”, discute os diferentes formatos que as novas tecnologias vêm dando aos contornos de produção da informação no século XXI. Levanta questionamentos e faz análise das novas funções sociais que eventualmente surgem através do mundo digital. Ao formular a questão: “As novas tecnologias da informação e da comunicação paradoxalmente aumentam a oferta de mensagens ao mesmo tempo em que padronizam e restringem o gosto?”, traz uma

discussão ampliada dessa tecnologia ligada em redes digitais. (JOST, 2011).

No entender do autor, as novas formas tecnológicas e computacionais são maneiras de induzir ao consumismo máximo de todas as mídias e plataformas, o que leva ao enriquecimento de alguns poucos. O usuário do ciberespaço, explica, nem sempre tem a capacidade de discutir criticamente a produção, a temática e a criação feitas nesses meios. Nessa vertente, o autor chega a apontar a existência de uma massa de “operários” do consumismo, ávidos para conseguir, quase que organicamente, as mais novas tecnologias para, assim tentar ser “iguais” àqueles que são os líderes mundiais da exploração do consumismo na era da informação. (JOST, 2011).

Jost (2011) questiona também a passividade do usuário em achar que a internet está ampliando seus horizontes, ao mesmo tempo em que discute se existe privacidade quando se escreve um blog ou quando se faz comentários em determinadas matérias.

Para Castells (2002), paralelamente a esses usuários, as grandes redes de produção de conteúdo também já participam dos espaços virtuais digitais, e até mesmo catalogam os perfis desses consumidores. Com isso, tais redes conseguem continuar a guerra pela audiência, vendagem de produtos, ideologias e comportamentos consumistas que visam principalmente a lucratividade, de acordo com Castells (2002).

Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificação e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana. O que pensamos e como pensamos é expresso em bens, serviços, produção material e intelectual, sejam alimentos, moradia, sistemas de transporte e comunicação, mísseis, saúde, educação ou imagens. A integração crescente entre mentes e máquinas, inclusive a máquina de DNA, está anulando o que Bruce Mazlish chama de a “quarta descontinuidade” (aquela entre seres humanos e máquinas), alterando fundamentalmente o modo pelo qual nascemos, vivemos, aprendemos, trabalhamos, produzimos, consumimos, sonhamos, lutamos ou morremos. Com certeza, os contextos culturais/institucionais e a ação social intencional interagem de forma decisiva com o novo sistema tecnológico, mas esse sistema tem sua própria lógica embutida, caracterizada pela capacidade de transformar todas as informações em um sistema comum de informação, processando-as em velocidade e capacidade cada vez maiores e com o custo cada vez mais reduzido em uma rede de recuperação e distribuição potencialmente ubíqua (CASTELLS, 2002, p. 69).

O ciberespaço, dessa maneira, tende a sair de um lugar livre e de interação de conhecimentos para se tornar também um local de lutas das mídias tradicionais, segundo Jost (2011). São territórios contestados, conflituosos. Como diria Foucault (2000), lugares cheios de relações de poder, de vigiar e punir através da docilidade dos corpos.

Por outro lado, profissionais e amadores já fazem produções dirigidas para o

público que utiliza a internet e muitos alcançam grande audiência. E, quando alcançam sucesso nessa plataforma, muitas vezes são também mostrados na TV, evoluindo também para seriados e produções cinematográficas. Com isso, torna-se um meio lucrativo para a divulgação de produtos e ideologias consumistas. Nesse contexto, algumas empresas, como a rede de TV americana Fox, adquirem programas feitos anteriormente para a web afim de transmiti-los na TV. Essas produções, de alguma forma, segundo Jost (2011), têm se tornado programas pilotos para a TV.

Entretanto, mesmo que a internet permita sentimentos libertários de produção de conteúdo por qualquer usuário, e ainda sendo considerada como território livre, não se está sozinho nesse espaço. Ao produzir noticiários ou comentários sobre determinado assunto, deve-se também pensar na responsabilidade social e na ética de escrever tais comentários. Por ser um meio aberto, não é possível prever quem exatamente, nem em qual lugar da “grande nuvem” o texto postado vai ser visto e como poderá ser usado a favor ou desfavor de quem o escreveu, conforme afirma Jost (2011).

Não foi a internet que possibilitou a interação com a produção de conteúdos, pois interações do homem com a tecnologia já vinham acontecendo ao longo da História, segundo Jost (2011). A internet tornou-se um meio que permite aos canais convencionais de produção de conteúdos serem mais visualizados e de uma forma mais rápida. Isto pode vir a ser uma nova cadeia de produção midiática, não se limitando a reproduzir conteúdos feitos pelas mídias ditas tradicionais (Murray, 1999).

Com o advento, ampliação e desenvolvimento da internet, mudam-se as formas de consumir as antigas mídias. O ser humano passa por um processo de adaptação para permitir que a cibernética possa adentrar os corpos de cada usuário, transforma-o, cada vez mais, em um ciborgue e, dependente do ciberespaço, como se a vida sem esse processo não tivesse mais sentido. Por ser uma mídia centrada na motricidade, ela permite a maior interação do usuário com a máquina, mas isso não quer dizer que permita aumentar ou diminuir a sua capacidade de ser crítico a ponto de libertá-lo das antigas amarras impostas pelas mídias de massa. (SANTAELLA, 2008).

As relações interpessoais foram, e continuam sendo, alteradas de várias maneiras em consequência das transformações tecnológicas. As mudanças acontecem de tal forma que a sociedade pode vivenciar diferentes culturas e informações sem sair de casa, quase que imediatamente, sem nenhum contato físico com outros indivíduos. Ao ter contato com culturas variadas sem a necessidade de locomoção, o ser humano é levado a modificar a relação com o espaço físico e a temporalidade (MURRAY, 1998).

O espaço tende a ser virtual e cada vez mais o computador favorece esta interação virtual com outras pessoas e objetos. Não é mais o computador pessoal que ocupa espaço. Ele se entremeia nos objetos existentes. Relógios, celulares, eletrodomésticos e carros são apenas alguns exemplos de objetos/aparelhos que funcionam como computadores e oferecem a possibilidade de otimização do tempo e economia na comunicação, sem a necessidade de locomoção. (LEMOS, 2004).

O espaço físico já não é mais um empecilho na era *high-tech*. A internet é composta de interligações que se comunicam entre si como se fossem as *highways*, ligando diferentes lugares e usuários numa só realidade, a chamada “realidade virtual”. São muitas informações em alta velocidade, que levam aos mais variados caminhos. Para acompanhar as mudanças da era digital, o ser humano enfrenta um processo de adaptação para permitir que a cibernética possa adentrar nos corpos de cada usuário, transformando os indivíduos aceleradamente em ciborgues dependentes das redes interligadas por *wi-fi*, cabos ou satélite, como se a vida sem tecnologia não tivesse mais relevância (SANTAELLA, 2004).

Ao tratar das questões do sujeito, da subjetividade e da identidade do indivíduo, em um mundo ciberespacial, Santaella (2004) relata que o homem, em sua própria natureza, complexidade e existência como participante da sociedade, é um ser de identidades multifacetadas, com subjetividades formadas numa esfera histórica e sociocultural pré-estabelecida por suas redes de amizades interpessoais, e não somente pelo e no computador. Com o advento das novas tecnologias, o sujeito pode experimentar as diversas possibilidades e vivenciar diferentes formas do seu “eu”.

Ao mesmo tempo em que, na contemporaneidade busca-se uma constante afirmação do “eu”, por outro lado, vivem-se crises de identidades, pois se pode ser quem quiser no ciberespaço, fato este que não acontece na interação entre os sujeitos, mas que no ciberespaço encontra respaldo para se inventar e reinventar qualquer identidade que se pretende fazê-la instável e multifacetada. A questão agora não é pensar quem é o sujeito, mas se queremos realmente ser sujeito (...) são muitas as vozes a afirmar que a ideia do “eu” entrou em crise que se pode ser irreversível (SANTAELLA, 2004, p. 47).

No tocante à noção do sujeito na web, pode-se dizer que “o sujeito se viu atropelado na era digital por um sujeito multiplicado, disseminado e descentrado, continuamente interpelado com identidade instável” (SANTAELLA, 2004, p. 47). Neste sentido, muda-se também a consciência do sujeito em participar de diversos espaços.

Para Santaella (2004), a relação com o espaço físico é virtual, não fixa, dando,

porém, um novo olhar sobre a forma de como os indivíduos se comunicam. A autora considera ainda que, em consequência das novas mídias, os avanços das redes telemáticas podem potencializar as comunicações, além de descentralizar e multiplicar os variados tipos de realidades que existem na sociedade. (SANTAELLA, 2004).

Nessa perspectiva, os aspectos apontados por Santaella (2004) se constituem em um verdadeiro questionamento sobre a atuação do sujeito na era da comunicação digital e como se dá a relação interativa entre aqueles que participam da construção de um espaço que permite o esfacelamento das identidades.

[...] a novidade do ciberespaço não está na transformação de identidade previamente unas em identidades múltiplas [...]. A novidade está, isso sim, em tornar verdade evidente e na possibilidade de encenar e brincar com essa verdade, jogar com ela até o limite último da transmutação identitária (SANTAELLA, 2004, p. 53).

No entender de Johnson (1997), é exatamente no espaço virtual das redes que muitas mudanças acontecem e não somente no corpo dos indivíduos/sujeitos. Nesse sentido, muitos são os canais de comunicação que permitem a mescla de áudio, imagens, vídeos, textos, hipertextos, links e hiperlinks, possibilitando a interatividade entre emissor, receptor e mensagem.

Ainda no entender de Johnson (1997), atualmente, com as mudanças tecnológicas, a mensagem pode ser modificada e questionada a qualquer momento, em uma atitude de interação entre os agentes envolvidos na transmissão. Vive-se numa era marcada pela conexão, em que se deve lidar também com as críticas sobre a notícia que está sendo veiculada. O internauta pode ser imediatamente coprodutor, alterador e (re)distribuidor de determinadas informações, pondo em xeque a forma tradicional de se fazer notícias: emissor-meio-receptor, de acordo com proposta de McLuhan (1954).

Compreende-se, portanto, que narrativas antes desconsideradas pela mídia tradicional podem surgir com uma nova política do dizer. Constroem-se novas linguagens, com outros discursos, discursos polifônicos (PÊCHEUX, 1997). Aparecem os dizeres da imprensa tradicional, do leitor que vira coprodutor, do jornalista e daqueles que, de alguma forma, sentem-se habilitados a escrever, enviar vídeos, postar fotos, imagens e opiniões sobre determinado assunto.

De qualquer forma, se o processo se dá, evidentemente, haverá deslocamentos discursivos importantes, o que implica em outras relações de sentidos e poder. Um dos efeitos históricos desta mudança é a possibilidade de

redução do apagamento da produção de sentido na leitura. Vista como atividade de recepção, no senso comum, o leitor das mídias que operam a partir da Web 2.0 conta com a possibilidade de trabalhar os textos lidos - seja indicando os textos por e-mail, quando parte, comumente, de uma leitura parafrástica; seja os enviando criticamente e intervindo no conteúdo, quando se encontra em outra posição-sujeito; seja ainda participando de blogs, fóruns etc (ALVES, 2010, p. 8-9).

Percebe-se que as mudanças desses canais de comunicação, na era da conexão em rede, transformam o sujeito quase que imediatamente em produtor, emissor e receptor de informações. Conseqüentemente, nota-se, cada vez mais, “(...) a fase da computação ubíqua, pervasiva e senciente, insistindo na mobilidade” (LEMOS, 2004, p. 19).

A evolução da tecnologia no ciberespaço transformou a rede em um meio de comunicação mais eficiente entre produtores e receptores. Possibilitou a economia de tempo e de capital para produzir notícias com interação imediata. Ao mesmo tempo, alterou e continua modificando a produção jornalística das mídias tradicionais.

Por outro lado, as tecnologias digitais têm servido como motivadores para uma maior interferência popular no processo noticioso. Tal processo tem como fator inicial a ampliação das formas de acesso à Internet: a queda progressiva do custo dos computadores e de conexão; a multiplicação de serviços e pontos de acesso gratuito (como em telecentros, ONGs e outras instituições comunitárias), cybercafés e pontos de conexão sem fio (Wi-Fi). Além disso, *blogs* (incluindo *photoblogs* e *moblogs*), *Wikis* e as tecnologias que simplificam a publicação e cooperação na rede favorecem a integração de qualquer interagente no processo de redação, circulação e debate de notícias (PRIMO & TRÄSEL, 2006, p. 4).

No ciberespaço, as mudanças tecnológicas e a nova formação do sujeito nesse espaço já provocam muitas alterações nas narrativas ideológicas, políticas, econômicas, socioculturais e ambientais. Com isso, a dinâmica do ciberespaço na contemporaneidade tem modificado substancialmente forma como o homem vivencia a cultura. A evolução tecnológica e as novas experiências ligadas em redes cibernéticas permitem também transformar a cultura em “tecnocultura” (LEMOS, 2004).

Na visão de Lemos (2004), a internet, com uma nova linguagem, torna-se um meio capaz de permitir que as mídias convencionais de produção de conteúdos sejam mais visualizadas e, de forma mais rápida, mudam-se as formas de consumir as antigas mídias.

Segundo Primo e Träsel (2006), ao longo desse século pode-se acompanhar a movimentação dos grandes conglomerados midiáticos no sentido de produzir notícias na e para a rede. Porém, em muitos casos, as tentativas ainda são meras reproduções dos

antigos produtos.

Em contrapartida a internet vem abrindo novos campos de trabalho, despontando-se como uma forma de veiculação de notícias alternativas, principalmente quando, em regimes repressores, estes, tendem a bloquear o acesso às informações, ou pelo mero fato de a grande mídia tender-se para a defesa de governos da direita ou da esquerda. Agora, a situação se inverte: as tecnologias de comunicação abriram os canais de uma forma que se tornou muito difícil bloqueá-los, deixando que a informação tenha fluxo livre e quase irrefreável [...] (PRIMO & TRÄSEL, 2006, p. 6).

No ciberespaço, novas possibilidades de (re)criar narrativas estão disponíveis de uma maneira até então impossíveis de se imaginar. O jornalista que não quer, por exemplo, trabalhar na grande mídia, tem a opção de fazer jornalismo empreendedor, montar o seu próprio negócio de informação. Cria-se a condição de criticar a sociedade sem estar vinculado ao domínio de empresas que, de alguma forma, ditam e estabelecem que somente determinados nichos de notícias sejam relevantes (PRIMO & TRÄSEL, 2006).

Com a evolução tecnológica novas formas de comunicação são elaboradas. Nessa conjuntura, a notícia passou a chegar a locais nunca antes imaginados. Todavia, a plataforma virtual transforma o tempo e o espaço da notícia, possibilita acessibilidade, interação, cooperação e abre espaço para lidar com o diferente, ou seja, todos podem expressar suas opiniões e serem também coprodutores de notícias, se assim desejarem.

### **Considerações finais**

No meio ciberespacial, ressalta-se que a produção jornalística vem passando por mudanças estruturais e não pode mais ser vista como antes. Grandes empresas, profissionais da área e até mesmo quem não é jornalista pode se valer desse ambiente virtual para produzir notícias.

Por fim, observa-se que o avanço tecnológico contribuiu para a formação de novas linguagens na área da comunicação e demanda, cada vez mais, que o jornalista consiga realizar múltiplas tarefas. Nesse sentido, o ciberespaço serve como um local para o profissional experimentar possibilidades de juntar vídeos, textos, links, hiperlinks, fotos, editar, criticar e usar todas as formas existentes de se produzir notícias.

Esse meio pode também se tornar lócus de discussão e fóruns de debates sobre o que está sendo veiculado. Considerações mais profundas sobre como se configurará a notícia nesse meio ainda é algo em constante análise e pesquisas, pois esses ambientes estão em

fase de experimentação e a cada dia, oferecem mais potencialidades de interações entre os usuários em redes digitais telemáticas.

## Referências

ALMAS, Almir. **Canal Comunitário**. *Boletim da ABVP*. São Paulo: ABVP, 1995. n.29.

ALVES, Wedencley. **Vocalizações e gestualizações**: produção de sentidos na leitura e na escrita em redes. UFJF, 2010.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas; FERNANDES, Michelle; TRINDADE, Raquel. **Imprensa Alternativa na Ditadura Militar**: um olhar jornalístico e acadêmico de Bernardo Kucinski. Disponível em <[http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc\\_artigos/Midia\\_Cidada\\_Amorim.pdf](http://www.unicentro.br/redemc/2011/conteudo/mc_artigos/Midia_Cidada_Amorim.pdf), 2014>.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela total**: mito-ironias da era do virtual e da imagem. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BAUMAN, Zigmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Benjamin, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Editora Zouk, 2012.

BOFFETTI, Valdir Aparecido. **Canais comunitários**: construindo a democracia na TV a cabo. São Bernardo do Campo: CIA de Bolso, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 7ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer, 14ª ed. Paz e Terra, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 10ª. Ed. 2008.

DUBLON, Gershon; PARADISO, Joseph. Percepção Extrassensória. In: SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL. **A vida em um mundo conectado**: como a rede global de sensores está reformulando o sistema nervoso humano. Ano. 13, agosto de 2014.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Alep, 2008.

JOHNSON, Steven. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

JOST, François. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias? **Revista Matrizes**, vol.4, nº 2, 2011. p. 93-109.

LEMOS, André. Aspectos da cibercultura: vida social nas redes telemáticas. In: Leão, Lúcia (org). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume/Senac, 2004.

LEVY, P. **Cibercultura**. Rio de Janeiro: editora 34, 1999.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin: **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck**: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo: Itaú Cultura/UNESP, 1998. p. 142-156.

PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi, v. 4. Pontes, 1997.

PRIMO, Alex. TRÄSEL, M. R. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, v.14, p. 1-17, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. Sujeito, subjetividade e identidade. IN: Leão, Lúcia (org). **Derivas**: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume/Senac, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2008.